

AS CARTAS DA FRANÇA ANTÁRTICA

Maria Carolina Akemi SAMESHIMA¹

(akemi_carol@hellokitty.com)

Resumo:

A contribuição dos relatos de viagem do século XVI à historiografia brasileira colonial é de notável relevância pelo seu aspecto descritivo e informativo sobre o novo mundo, sobre as novas terras a serem desbravadas e colonizadas. E as cartas enviadas da França Antártica, por Nicolas Barré a amigos em Paris e Nicolas Durand de Villegagnon a Calvino, fazem parte desse conjunto de documentos importantes.

Palavras Chave:

1. França Antártica
2. Relatos de Viagem
3. Protestantes no Brasil
4. Colonização francesa
5. Nicolas Durand de Villegagnon

Uma das melhores maneiras de estar bem informado sobre as novidades do Novo Mundo no século XVI era através das cartas. Na Europa, pela fartura de papel e pela regularidade do correio, a troca de correspondência fazia as vezes de um periódico oficial, porém livre da censura. Carlos Rizzini, na obra *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*, escreveu sobre a carta na época dos descobrimentos:

Fora das cartas, relações e diários – o que tudo eram no fundo cartas – não havia outro meio de registrar e comunicar fatos e coisas. (RIZZINI, 1946:53)

¹ Aluna da graduação do curso de História, Unesp-Franca.

Do outro lado do atlântico as coisas não eram muito diferentes. E mesmo com os problemas de transporte e comunicação, a carta tornar-se-ia um importante meio de informação sobre o que acontecia na colônia e fora dela.

E, com relação à França Antártica acontecia o mesmo. Além das publicações posteriores a má sucedida colonização francesa no Brasil – *As singularidades da França Antártica* (1557) e a *Cosmografia Universal* (1575) do franciscano André Thevet; e a *Viagem á terra do Brasil* (1578) do pastor protestante Jean de Léry – existem as cartas mandadas da própria França Antártica pelo piloto protestante Nicolas Barre e pelo chefe da colônia francesa no Brasil, Nicolas Durand de Villegaignon

A carta de Nicolas Barré

Nicolas Barré estava entre os homens recrutados pelo Vice-almirante e chefe da expedição francesa ao Brasil Nicolas Durand de Villegaignon. Era piloto e protestante. Da França Antártica enviou duas cartas a Paris, a primeira em 1555 e a segunda, um ano mais tarde, em 1556. Ambas publicadas, posteriormente em 1557.

Na primeira carta, a que utilizaremos e que foi traduzida e publicada pelo professor Jean Marcel Carvalho França no livro *Visões do Rio de Janeiro Colonial*, Nicolas Barré escreve a alguns amigos as suas impressões sobre a baía de Guanabara e de seus habitantes. Mesmo se tratando de um texto curto, essa carta aponta-nos uma série de dados importantes sobre a presença francesa no Brasil durante a segunda metade do século XVI.

Logo no início, a carta de Barré dá pistas de como os nativos estavam acostumados com a presença francesa. Lembrando que dos corsários estrangeiros envolvidos na pirataria de pau-brasil, os mais notados no litoral brasileiro eram os franceses. Sobre a hospitalidade, nativa Barré escreve:

Esses nativos disseram-nos, na sua língua que éramos bem vindos, ofereceram-nos alguns presentes e aclamaram-nos como

aqueles que iriam defendê-los dos portugueses e de outros dos seus inimigos capitais.

Assim como em outros escritos, encontramos nessa epístola alguns temas comuns sobre o Brasil colonial. Por exemplo, das plantas, os lugares, e os animais terem proporções maiores daqueles encontrados no Velho Mundo. Quando Barré descreve, erroneamente, a baía de Guanabara como um rio ele não economiza no exagero:

O rio referido é tão espaçoso que todos os navios do mundo poderiam ancorar com segurança; sua superfície é cheia de belas ilhas, todas cobertas de verdes bosques.

Ou então, quando descreve as plantas e o clima da França Antártica:

Cheguei a ver também uma erva, chamada petume, que os nativos, após limpá-la e extrair-lhe o suco, transformam num alimento capaz de sustentar um homem por oito ou nove dias.

(...)

A terra circundante é cortada por belos riachos de água doce, água das mais salubres que eu já bebi. O ar é temperado, tendendo mais para o calor que para o frio. O verão começa no mês de dezembro, (...). Durante essa estação (...) faz, como dizem os nativos, o mais belo tempo do mundo.

(...)

As árvores dessas plagas crescem até uma altura inacreditável e tem folhagem semelhante a dos buxos. Cheguei a ver árvores de cem pés de altura e seis de diâmetro.

Com relação as expectativas econômicas, Nicolas Barré é bem otimista ao descrever a terra e ao confessar a possibilidade de encontrar metais preciosos:

Creio que talvez consigamos encontrar algum metal nessas plagas. Afinal, a 50 léguas rio acima, os portugueses encontraram prata e cobre.

Outro lugar comum na carta de Nicolas Barré é a descrição sobre os costumes nativos. Assim como Thevet e Léry, o piloto protestante já em 1555, descreve os nativos americanos como um povo:

(...) bárbaro e estranho (...). Eles vivem sem conhecimento de nenhum deus, sem inquietude de espírito, sem lei e sem nenhuma religião. Tal como os animais, estão à mercê dos seus instintos.

O ponto de vista de que os indígenas estão em constantes guerras, o espanto como tratam os inimigos de guerra, “dividindo em pedaços, que são assados na brasa e comidos com grande prazer” , também estão presentes nessa carta. Da mesma forma que a poligamia, a vingança e o apego aos presentes.

A carta de Nicolas Durand de Villegagnon a Calvino

A carta em questão foi escrita em março do ano de 1557 e destinada a Calvino, o grande nome da Reforma na Suíça e na França. Nessa carta o Cavaleiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha – posteriormente vice-rei do Brasil – Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1572) agradece a Calvino pelos pastores que mandou a colônia francesa para que ajudassem nas tarefas religiosas.

O curioso é que mesmo tendo entrado para a Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, estabelecida em Malta, não esconde o plano de organizar uma colônia francesa com povoamento originário da metrópole, incluindo protestantes. Philippe Bonnichon, na História Naval Brasileira, detalha mais esse assunto, ao afirmar que a o projeto de colonização de Villegagnon teria como finalidade organizar os projetos de iniciativa particulares. E o que de

início seria uma colônia de calvinistas procurando um lugar onde pudessem exercer livremente o seu culto, assumiria caráter mais acentuado depois da guerra civil eclodida na França:

(...) a idéia constante era a de se criar uma nova França, onde a unidade religiosa seria restabelecida em proveito do calvinismo. De qualquer modo, Villegagnon partiu com apoio múltiplo: tanto pelos Chatillons quanto pelos Guises; por Coligny e pelo Cardeal de Lorraine, chefe do Clero Católico. (BONNICHON, 1975: 428).

Mas independente de qual religião seria a oficial na França Antártica, o cavaleiro de malta nessa missiva a Calvino mostra-se muito preocupado em distanciar seus companheiros dos costumes negativos dos indígenas, entenda-se o ócio, o prazer e a lascívia.

O original dessa carta encontra-se na Biblioteca de Genebra e fora publicada na ocasião da edição das obras completas de Calvino. A versão utilizada nesse artigo é a publicada em 1964 na Revista de História e traduzida em conjunto por José Gonçalves Salvador e Yves Bruand.

Logo no início da carta Villegagnon mostra-se muito agradecido por Calvino ter mandado os missionários Cartier e Richier, os quais eram aguardados com muita ansiedade pelo cavaleiro de malta:

A chegada dos irmãos retirou de mim essa ansiedade. Acrescento ainda o interesse seguinte: se nós devemos no futuro ser incomodados por esse motivo ou ser ameaçados por um perigo qualquer, os ditos irmãos não deixarão de ser para mim um apoio e de ajudar-me com seus conselhos.

Nessa passagem há dois fatos importantes de ser falado: o primeiro refere-se ao modo que Villegagnon trata os pastores recém-chegados na França Antártica, denominando os de *irmãos*. Essa atitude se estenderá ao longo da carta. O segundo fato é o receio que o vice-rei demonstra ao escrever

essa passagem. Como sabemos, antes da chegada de Cartier e Richier, alguns homens promoveram uma conspiração contra Villegagnon. O motivo foi a desobediência por parte de um deles que “amancebou-se” com uma índia. Ato estritamente condenado por Villegagnon.

O próprio cavaleiro de malta escreve sobre o acontecido nessa carta quando explica a escolha do lugar onde se estabeleceria com seus homens:

Escolhi este lugar para nossa habitação a fim de tirar dos nossos homens a possibilidade de fuga e mantê-los assim no cumprimento do dever. E por que não havia mulheres suscetíveis de chegar ate nós sem os seus maridos, extirpei a ocasião de pecar. Porém acontece que 26 dos mercenários incitados pela cupidez da volúpia conspiraram contra minha vida, mas chegado o dia quando o projeto devia ser executado, a trama foi me revelada por um dos implicados, no próprio momento, onde estes se preparavam para matar-me.

O desfecho do acontecimento foi o seguinte: os autores da conspiração foram aprisionados, ou seja quatro homens. Os outros desistiram do projeto contra Villegagnon. Um dos presos foi liberto para que pudesse defender-se, mas fugiu e afogou-se no mar. O autor da conspiração, aquele que se relacionou com uma indígena, foi enforcado. Os outros dois foram condenados a trabalhar a terra.

Na origem de todo esse acontecimento esta a tentativa de Villegagnon afastar os homens que ele recrutara, a maioria nas prisões de Rouen e Paris, dos costumes indígenas, ou seja o ócio, o prazer e a luxúria. Outro trecho da carta mostra bem a opinião de Villegagnon sobre o Brasil e os costumes indígenas:

O país era completamente inculto, sem casas, sem nenhuma fonte de cereais. Só havia gente selvagem, afastados de toda cultura e humanidade; diferenciados de nos pelos costumes e

regras de vida, sem religião, sem conhecimento nenhum do que seja honra, a virtude, incapazes de distinguir o justo do injusto, tanto que me veio a duvida se tínhamos encontrado feras revestidas de aparência humana.

É a única passagem que Villegagnon fala sobre o Brasil e os costumes indígenas. E mesmo sendo escrita dois anos depois que a carta de Nicolas Barré, ainda traz opinião semelhante sobre os nativos. Tanto Barré, quanto Villegagnon, concordam com a falta de religiosidade, virtude, honra e justiça (lei) dos indígenas. No entanto, Villegagnon não menciona o pior defeito dos indígenas na opinião de Barré, aquele que impediria tais criaturas de se converterem ao cristianismo, o canibalismo ou “o detestável habito de comerem-se uns aos outros”. Mas fala em “gente selvagem, afastados de toda cultura e humanidade” e conclui com a incerteza de serem humanos, “tanto que me veio a dúvida se tínhamos encontrado feras revestidas de aparência humana”.

Observação:

Todos os trechos utilizados da carta de Nicolas Barré foram retirados do texto integral traduzido e publicado por FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*. Antologia de textos 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p 19-23. E os referentes à carta de Villegagnon a Calvino, encontra-se em SALVADOR, José Gonçalves. BRUAND, Yves. Os Franceses na Guanabara. (Correspondência da França Antártica). *Revista de História*. São Paulo, volume 28, p 209-238, ano 1964.

Referência Bibliográfica:

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*. Antologia de textos 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p 19-23.

BONNICHON, P. FERREZ, G. “A França Antártica”. In *Historia Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação geral da Marinha, v 1, 1975, p 403-471.

BONNICHON, P. *Los Navegantes franceses y el descubrimiento de América, siglos XVI, XVII, XVIII*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

SALVADOR, José Gonçalves. BRUAND, Yves. Os Franceses na Guanabara. (Correspondência da França Antártica). *Revista de História*. São Paulo, volume 28, p 209-238, ano 1964.

Sugestões de Leitura:

THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944.

LÉRY, Jean de. *Viagem á terra do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LESTRINGANT, F. *O Canibal: grandeza e decadência*. Brasília: Editora Unb, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.